CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
VIAGEM AO FIM DO MUNDO
24 de julho de 2026

THE MARRIAGE CIRCLE / 1924
(Os Perigos do Flirt)

um filme de Ernst Lubitsch

Realização: Ernst Lubitsch / **Argumento:** Paul Bern, segundo a peça de Lothar Schmidt "Nur ein Traum" / **Fotografia:** Charles J. Van Enger / **Direcção Artística:** Svend Gade / **Assistentes de Realização:** James Flood, Henry Blanke / **Intérpretes:** Marie Prevost (Mizzi Stock), Adolphe Menjou (Joseph Stock), Florence Vidor (Charlotte Braun), Monte Blue (Franz Braun), Creighton Hale (Gustav Muller), Harry Myers (detective), Dale Fuller, Esther Ralston.

Produção: Ernst Lubitsch, para a Warner Brothers / **Cópia:** dcp, tintado, mudo com intertítulos em inglês traduzidos eletronicamente em português, 98 minutos / **Estreia Mundial:** Strand, Nova Iorque, a 8 de Fevereiro de 1924 / **Estreia em Portugal:** Central, em 28 de Junho de 1926.

Com acompanhamento ao piano por Daniel Schvetz

The Marriage Circle é um nunca acabar de surpresas, qual delas mais deslumbrante que as outras. É conhecido (já faz parte daqueles lugares-comuns de que a história do cinema está cheia) que **The Marriage Circle** é a certidão de nascimento do "Lubitsch touch". O facto de tal opinião já estar posta em causa com a descoberta das comédias alemãs do realizador, e que tal "toque" remonte com segurança a **Die Austernprinzessin** e haja muitos sinais precursores em **Das Fidele Gefängnis**, talvez não seja muito importante neste momento (reservando-se para a minúcia da investigação do percurso de um estilo). Digamos que, para citar uma conhecida expressão, "quando a lenda se torna facto, imprime-se a lenda". E neste caso, a lenda tem muita razão de ser. Porque se tudo já existia antes, é em **The Marriage Circle** que tudo nos surge exposto em forma de programa. Não há um plano, um momento, um gesto, uma situação, que não estejam impregnados daquele a que no futuro se deu a famosa classificação. Conhece-se a importância que, para esta organização em programa, tiveram **Forbidden Fruit** de DeMille e, principalmente, **A Woman of Paris**, de Charles Chaplin. O próprio Lubitsch refere a dívida que teve para com eles. Mas se estes lhe abriram a porta, se lhe apontaram a sua "terra prometida", foi ele quem a lavrou e semeou, dando origem aos mais perfeitos espécimes do género.

A Chaplin foi Lubitsch buscar o intérprete, Adolphe Menjou, que **A Woman of Paris** celebrizara e transformara no paradigma do *dandy*, faceta que irá explorar numa série de comédias mundanas. Mas este tipo de personagem já se encontra, de forma menos sofisticada nalguns filmes alemães de Lubitsch (em especial Alfred Abel em **Die Flamme**). Menjou é apenas o vaso perfeito (o primeiro) para a forma que Lubitsch procurava (e compreende-se o que terá sido a revelação para Lubitsch ao ver o filme de Chaplin). Aliás, mais tarde, em 1936, Lubitsch homenageia Menjou ao afirmar que ele mostrou que um

homem elegantemente vestido na tela não é necessariamente um vilão, imagem tão fatal nos primeiros tempos do cinema como um gordo fazer de cómico.

O início de **The Marriage Circle** é uma verdadeira revolução. Em dois planos fica definida uma situação e uma relação. No primeiro, dois pés entram no campo. A peúga que o homem calça mostra um buraco no dedo grande. Assim isolado o espectador identificaria o personagem como um solteirão da pequena burguesia. Mas o plano seguinte mostra-nos o quarto luxuoso e a mulher deitada ao lado: um homem casado com uma mulher desleixada ou caprichosa que pouco interesse mostra por ele. Ainda o espectador não está acomodado na cadeira e já possui os elementos-chave na mão. Mas este é apenas um entre os muitos pormenores com a marca inconfundível de Lubitsch, que provocou, na altura da sua estreia, um verdadeiro choque. Por uma vez as críticas não se faziam sobre os actores e a história. O que despertava a atenção em **The Marriage Circle** era esse estilo, a forma narrativa. A própria *Variety* começa a sua recensão afirmando que *"This picture marks an epoch in film direction. It is possibly the first time any director had the nerve to put a farce comedy on the screen, play it legitimately and get laughs"* (o sublinhado é meu). A apresentação deste casal culmina com o primeiro cruzamento: o encontro de Mizzi e Franz (o marido da amiga) disputando o táxi é o primeiro equívoco: o marido à janela vê a cena e interpreta-a de outro modo. Passamos a seguir para o contrário deste casal: o par de recém-casados, Charlotte e Franz, gozando a sua felicidade onde a aparição de Mizzi se manifesta como a da serpente no paraíso. Mas a felicidade não está isenta de equívocos: logo a seguir dois pormenores fabulosos lançam novos mal-entendidos: Gustav, amigo de Franz, e secretamente apaixonado por Charlotte, toma como uma oferta a rosa que caiu das mãos de Charlotte à janela e entende para si as palavras e o gesto com que Charlotte se despede do marido. As manobras de Mizzi para seduzir Franz levam-na a fingir-se de doente telefonando-lhe para uma visita. No quarto, outro momento genial, de que Lubitsch tinha o segredo: ela agarra-o pelo pulso e nesse momento entra o marido, Josef (Menjou): um *insert* mostra as duas mãos e o movimento com que Franz alterna a situação, fingindo tomar o pulso a Mizzi. Mas os copos estão ali para revelar a situação. Mas a mais brilhante sequência deste tipo situa-se na altura da quase reconciliação de Josef com Mizzi, que antecipa, de modo brilhante, a descoberta do rei de que é enganado em **The Merry Widow**: o detective mostra-lhe o relatório sobre os encontros de Mizzi e Franz, que Josef agora considera absurdos. Senta-se num sofá, em cima de um chapéu, que retira sorridente e entrega ao detective. Este diz não ser o seu e é nesse momento (como o rei ao ver a espada depois de sair do quarto em **The Merry Widow**), que se faz luz. Brilhante, também, é a sequência que nos mostra a relação apaixonada de Franz e Charlotte, sem que seja preciso vermos as personagens. O plano enquadra a mesa em que tomam o pequeno-almoço: a mão dele bate com a colher no ovo, a dela mexe o café, os movimentos normais vão-se atenuando até pararem e as mãos encontrarem-se.

The Marriage Circle é um filme de tal modo perfeito, que praticamente rouba qualquer comentário que se possa fazer. Se Lubitsch foi o mestre da elipse, toda a sua obra é capaz de praticar uma elipse maior: a das palavras de qualquer comentador. É um cinema de alusões que apenas pede uma coisa: ser visto e saboreado. O círculo perfeito do autor com o público.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico